

# A poesia e a militância de Deolinda Rodrigues

Ana Mylena Costa de Almeida<sup>1</sup>

Natalia Cabanillas<sup>2</sup>

## RESUMO

O estudo trata sobre a obra e a vida de Deolinda Rodrigues, uma poetisa e militante angolana de grande importância para a emancipação política de seu país. Refletindo de forma ampla sobre a participação feminina na luta pela independência de Angola, encontramos essa personagem de grande impacto histórico, político e cultural, responsável pela autoria da obra *Diário de um exílio sem regresso* (2003). A obra em questão será analisada ao longo do artigo, buscando compreender através da poesia de Deolinda Rodrigues, a importância do papel feminino nas lutas de independência em Angola, e seus desafios e preconceitos na participação desse processo.

**Palavras-chave:** Angola; Deolinda Rodrigues; Diário; Gênero; Literatura.

## ABSTRACT

This article focus on the writings and life of Deolinda Rodrigues, an Angolan poet and activist of great importance for the political emancipation of her country. Reflecting broadly on women's participation in the struggle for independence in Angola, we find this character of great historical, political and cultural impact, responsible for the authorship of the work *Diário de um exílio sem regresso* (2003). The work in question will be analyzed throughout the project, seeking to understand, through the poetry of Deolinda Rodrigues, the importance of the women's role in the independence struggles in Angola, and the challenges and prejudices participating in this process.

**Keywords:** Angola; Deolinda Rodrigues; Diary; Gender; Literature.

---

<sup>1</sup> Pós-graduanda em literatura africana de língua portuguesa, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

<sup>2</sup> Professora Dra. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

## INTRODUÇÃO

Deolinda Rodrigues Francisco de Almeida, nasceu no dia 10 de fevereiro de 1939, na cidade de Catete em Angola. Estudante do Liceu Salvador Correa em Luanda, teve uma educação básica primorosa, e por conta disso, conseguiu se empenhar das mais diferentes formas na luta clandestina anticolonial, sendo uma das responsáveis pela tradução de textos que tratavam sobre seu país em diferentes idiomas. Deolinda, adotou durante a militância o pseudônimo de Langidila, que significa vigilante, sentinela em quimbundo<sup>3</sup>, e ingressou no MPLA, com o desejo de presenciar a libertação de sua nação.

O presente artigo tem como objetivo analisar as obras e a vida de Deolinda Rodrigues Francisco de Almeida, mais conhecida pelo seu nome de guerra, Langidila. Rodrigues, autora da obra *Diário de um exílio sem regresso* (2003) foi participante ativa das lutas pela emancipação política da Angola, atuando em movimentos revolucionários como o MPLA – Movimento Popular pela Libertação de Angola e a OMA – Organização da Mulher Angolana.

O artigo tem como um de seus objetivos específicos, a análise da participação feminina nas lutas políticas em Angola, buscando refletir sobre os preconceitos e desafios encontrados por Langidila ao entrar em mundo tipicamente masculino, a guerra. O artigo trabalhará com os documentos históricos deixados por Deolinda Rodrigues, principalmente seu diário, buscando compreender a partir da visão da autora a condição da mulher revolucionária.

Deolinda Rodrigues não foi um personagem relevante somente em vida, e as consequências de seu desaparecimento e morte para a população de Angola também são importantes para a compreensão do artigo, que buscará ressaltar a importância de Deolinda e outras mulheres de luta. O Dia Nacional da Mulher Angolana, aparece como uma oficialização da trajetória de Deolinda Rodrigues, que passa a ser inserida na história angolana, como uma heroína nacional.

As fontes analisadas durante o artigo buscarão compreender a transformação de Deolinda Rodrigues ao longo dos anos na luta anticolonial. Serão usados como fonte o diário de Deolinda Rodrigues, obra essa que contém diversos documentos

---

<sup>3</sup> Barros, Liliane Batista. "As cartas da Langidila: memórias de guerra e escrita da história." *Tabuleiro de Letras* 6 (2013): 119-140.

importantes de sua trajetória, nos levando a refletir sobre as motivações para a luta, e as consequências da mesma.

Deolinda Rodrigues foi assassinada no ano de 1967, mas seu irmão Roberto António Vítor Francisco de Almeida, continua vivo, e sempre que possível fala em entrevistas sobre a vida de sua irmã mais velha. No artigo, a entrevista que ele concedeu ao Mateus Pimpão no ano de 2020 também será analisada. Tendo-a como fonte para compreender as dificuldades e os desafios encontrados por Deolinda ao longo das suas lutas emancipatórias, e refletindo sobre sua morte e as consequências de sua partida para a nação angolana.

‘ Deolinda Rodrigues é uma personagem histórica de grande riqueza material – tratando-se de fontes e documentos -, o que nos traz uma dificuldade, como decidir o que deve ou não ser analisado? Dessa forma, o artigo trabalhará apenas com poemas e trechos específicos de suas obras, buscando a compreensão sobre a autora a partir da reflexão sobre esse material selecionado, como o elencando abaixo:

“O Bigorna trouxe pra casa o Belarmino que me fez perguntas. Parece aceitarem-me no movimento nacionalista, embora o Sr. Benje e outros velhos estejam com receio por eu ser mulher.” (RODRIGUES, 2003, P. 25)

No trecho acima, é possível perceber as dificuldades iniciais encontradas por Deolinda nos movimentos de luta, e o preconceito vivenciado pelas questões de gênero presente nas sociedades angolanas no século XX. Durante a colonização portuguesa em Angola, as relações de gênero se tornaram mais conflituosas, e o machismo e o sexismo, se tornou comum na sociedade colonial e dentro dos movimentos emancipatórios.

Portanto, o artigo buscará de diversas formas compreender e analisar a importância histórica e literária de Deolinda Rodrigues, enquanto mulher na luta anticolonial em Angola. Refletindo sobre seus textos e poemas, compreendendo o processo de escrita combativa e a relação dos dizeres com os acontecimentos.

## **REVISÃO DE LITERATURA**

Por muito tempo, o espaço da guerra foi definido como algo tipicamente masculino. Nas sociedades ocidentais, as mulheres, eram consideradas, seres restritos aos lares – visão europeia século XIX. No século XX, com o aumento dos conflitos armados em países colonizados, a realidade feminina se alterou, as mulheres colonizadas faziam parte das guerras ativamente, no campo de batalhas, e/ou nas literaturas.

As literaturas de combate, gênero literário bastante usado durante os processos emancipatórios das ex-colônias europeias, ganharam maior destaque no século XX. Expondo as barbáries, as opressões e violências vivenciadas pelos povos africanos, as revistas e os folhetins se espalharam nos países africanos de língua portuguesa. *Claridade*<sup>4</sup> e *Mensagem*<sup>5</sup>, são exemplos de revistas utilizadas por poetas e escritores para exporem suas dores, angustias e lutas diárias por uma África livre.

A luta e a literatura passaram a ganhar adeptos, entre eles, mulheres. As mulheres africanas, foram peça chave para o processo de independência dos países africanos, como Angola, no século XX.

Para Maria Calafate Ribeiro (2004), o século XX representou uma mudança nos paradigmas historiográficos relacionados às guerras, como a perspectiva mais subjetiva da individualidade, além das reflexões sobre o papel da mulher e seus protagonismos. (SOUZA, 2017).

Os papéis de gênero, antes bem definidos, passaram ao longo do século XX, por complexas mutações. A mulher, antes impedida pelo patriarcado de participar ativamente dos movimentos armados, vislumbrava agora seu reflexo no fuzil. A participação feminina nas guerras se tornou mais comum, como explica Margarida Paredes:

As mulheres angolanas estiveram em todas as frentes, na luta política e na luta armada. Na luta armada foram muito sacrificadas e correram muitos riscos como provedoras da guerrilha, transportavam armas, plantavam lavras, cuidavam dos guerrilheiros, a logística estava a cargo destas mulheres, a maior parte delas camponesas que depois da independência não foram reconhecidas como guerrilheiras porque não tinham arma e por isso ficaram abandonadas à sua sorte. As mulheres de origem urbana mais escolarizadas também participaram na Luta de Libertação sobretudo na mobilização para a guerrilha, na Educação, na Saúde e algumas como guerrilheiras, no meu livro apresento o testemunho de muitas ex-combatentes que lutaram de armas na mão. Sem a participação das mulheres a Luta de Libertação anticolonial não

---

<sup>4</sup> Revista literária cabo verdiana lançada em 1936, na ilha de São Vicente.

<sup>5</sup> Revista literária angolana (1951-1952).

teria triunfado e Angola não seria independente. (apud SOUZA, 2017. grifo nosso).

A participação feminina nas lutas armadas pela independência de Angola, foi fundamental para a história do país. Ativas em todas as áreas do movimento de libertação angolana, as mulheres construíram a independência.

Entre as mulheres que participaram das revoltas emancipatórias, podemos citar o caso de Deolinda Rodrigues, personagem histórico que transmutava entre a guerra e a escrita. Deolinda, possui uma história pessoal que se entrelaça a de Angola, e faz parte atualmente do imaginário popular e da história oficial de seu país.

Entre suas atividades como militante, possuía a rotina de escrever poesias, diários e cartas, fontes de grande importância para o conhecimento da história angolana. A escrita, usada pela poetisa como uma das formas de combate, é carregada de várias angústias, que perpassavam o caminho de Deolinda Rodrigues durante as mudanças políticas de seu país. Entre as dores que se apresentam no texto, podemos citar o machismo, algo que a autora faz questão de deixar explícito.

Disseram-me que não vou para Ghana porque sou mulher e o Barden não respeita senhoras. Esta discriminação só por causa do meu sexo, revolta-me. Se me apanho fora deste MPLA erudito e masculino, não volto em breve (Rodrigues, 2003:57) (...) Uma das companheiras tem receio de mim e evita-me por eu ser mandona, ter a mania de dar ordens e não saber cozinhar (Rodrigues, 2003:70).

As diferenças de gênero existentes na sociedade angolana do século XX, já eram percebidas por Deolinda. Ela constantemente buscava transgredir a barreira do “feminino”, e adentrar no universo oposto, o mundo “masculino”. Além de cozinhar, limpar e cuidar dos doentes, Deolinda queria compreender o ambiente das revoluções completamente, e lutou para ganhar espaços nos movimentos clandestinos.

Além das lutas armadas, Deolinda Rodrigues não abandonou seu lado intelectual, e como participante dos movimentos clandestinos, ingressou também na OMA. Atuando como presidente da organização, Deolinda fez grandes feitos, reunindo mulheres militantes, e entendendo que os gêneros possuíam objetivos políticos diferentes, mesmo em um contexto tão complexo como uma revolução emancipatória. Além de se preocupar com a independência do país, as mulheres também precisavam se empenhar em lutas de gênero, exigindo muitas vezes coisas simples, como o direito de não serem tratadas como objetos sexuais pelos colonizadores. Os problemas

políticos em Angola eram diversos, mas não anulavam a importância das discussões sobre os problemas de gênero.

A OMA existe ainda nos dias de hoje, e continua sendo uma organização de grande importância para as mulheres angolanas. Lugar de apoio feminino que Deolinda Rodrigues ajudou a construir no século XX, e que preserva sua função, mesmo com os objetivos de independência já conquistados. Podemos perceber dessa forma que a poetisa participou da vida política do país de diversas formas, incluindo a luta armada. Membro do Esquadrão Kammy, a angolana se empenhou nos movimentos armados, e provou que as mulheres podiam ter espaço dentro das guerras.

Considerada um mártir, Deolinda foi escolhida pelo governo para fazer parte da história e das datas oficiais de Angola. Deolinda Rodrigues fez história em Angola, e para provar isso, pode-se analisar o Dia da Mulher Angolana – 2 de março – data escolhida pelo MPLA por fazer referência ao suposto dia da morte de Deolinda e suas companheiras de batalha. O dia 2 de março é uma homenagem as militantes pelos seus desempenhos, e pela luta que travaram contra um governo opressor, que tirou suas vidas a troco de terra, e matérias primas. Mas essa data, como é compreendida pela população em Angola? As mulheres angolanas atuais, se identificam com Deolinda Rodrigues? Segundo a escritora Margarida Paredes, a situação das mulheres em Angola, em relação ao feriado não é simples:

O dia 2 de março, “Dia da Mulher Angolana”, data em que Deolinda Rodrigues foi feita prisioneira no campo militar da FNLA em Kinkuzu, é feriado nacional. Apesar da visibilidade das comemorações, nem todas as mulheres angolanas se reveem nesta heroína do MPLA e as mulheres de outros partidos políticos recusam comemorar o dia 2 de março como “Dia da Mulher Angolana”, reivindicando uma data que não esteja conotada ao partido no governo. Esta contestação à imposição das heroínas a todas as mulheres angolanas enquadra-se noutras lógicas de contestação que também questionam símbolos nacionais como a bandeira e o hino nacional, identificados com o MPLA (Paredes, 2014:88).

É fato que existem em Angola diversas personagens históricas de grande importância, que assim como Deolinda, poderiam representar muito bem o Dia da Mulher Angolana. Personagens sem ligação direta com o governo, que agradariam

parte da população que exige a desvinculação dos feriados nacionais, a membros pertencentes ao partido no passado.

Não se pode negar a importância que a escritora possui para seu país, seus atos foram decisivos para a conquista do poder político de Angola, e sua participação nos movimentos e organização foi um dos grandes responsáveis para a construção do sentimento nacional que se tem em Angola nos dias de hoje. Acredito, que poderíamos lembrar durante as comemorações, de outras mulheres que também foram de grande importância para Angola.

A escolha para se trabalhar a literatura de Deolinda Rodrigues foi algo que ocorreu naturalmente ao longo do curso. Com uma escrita marcada pela revolta de um autoritarismo e opressão externa, Langidila, ganhou seus leitores ao redor do mundo, escrita concisa e valente, fez com que Deolinda Rodrigues se torna-se um símbolo literário atemporal, que ainda merece destaque.

Por mais que as mulheres, tenham dito um grande papel nas lutas emancipatórias, suas contribuições nas literaturas ainda são pouco citadas ao longo da história dos países africanos de língua portuguesa. Grandes autoras angolanas são excluídas dos campos literários, e isso ocorre por diversas razões: falta de acesso a editoras, mercado internacional reduzido entre outros fatores, como os elencados pela autora Tania Macedo, no texto intitulado *Da voz quase silenciada à consciência da subalternidade: a literatura de autoria feminina em países africanos de língua oficial portuguesa*.

(...) apesar da importância das mulheres na luta que levou à independência das jovens nações africanas e, posteriormente, na consolidação desses países – alguns assolados por sangrentas guerras civis –, as vozes femininas infelizmente ainda são poucas nas literaturas africanas de língua portuguesa. As causas são variadas, mas talvez pudéssemos avançar uma hipótese: as mulheres possuem ainda um papel subalterno, socialmente falando, nas sociedades africanas, e, conseqüentemente, é restrito o seu acesso à educação. E aqui desenha-se uma contradição, na medida em que a voz feminina é ouvida no círculo mais íntimo das relações familiares, onde o contar histórias e o consolidar laços acabam sendo sua tarefa. (MACEDO, 2010, p. 6)

Como Tania deixa claro em seu artigo, a restrita participação feminina na literatura africana de língua portuguesa ocorre por diversos motivos. Além dos papéis subalternos que ocupam em alguns lugares, o acesso que essas mulheres possuem

a educação formal em língua portuguesa é muito raro<sup>6</sup>, o que diminui ainda mais a presença feminina nos grandes polos literários. Por mais que em muitos casos seja dada a mulher a função de contar histórias e repassar mitos tradicionais para os mais jovens, essa contação de histórias nem sempre é feita em português, e o mercado editorial não as considera como potenciais responsáveis pela escrita e criação daqueles textos.

Então não existem mulheres escritoras em Angola? Depois da emancipação política de Angola elas desapareceram? Não, as escritoras continuam a existir nos países africanos de língua portuguesa. Ótimas escritoras que não tem visibilidade no meio artístico e cultural de seus países, sendo ainda relegadas ao meio privado como ocorria durante a colonização das suas nações.

A visibilidade artística, impulsionaria os poemas e textos femininos, e daria destaque para as mulheres em Angola, ampliando um meio cultural desenvolvido já no século XX por Deolinda Rodrigues. A representatividade feminina é de grande importância, principalmente para países que passaram por séculos de colonização como a Angola, porque coloca a mulher em uma posição semelhante a masculina, diminuindo aos poucos as desigualdades de gênero perpassadas pelos antigos colonizadores que dominaram as livres nações da África.

O espaço feminino que Langidila construiu foi importante, não só para ela, e nem tão pouco apenas para Angola, mas para todas as mulheres que assim como Deolinda Rodrigues possuem sonhos. Sonhos que aparentemente são grandiosos e desafiadores, mas jamais impossíveis. Deolinda Rodrigues fez história, e na História permanecerá.

## **METODOLOGIA**

O artigo busca analisar a vida e a poesia de Deolinda Rodrigues, e dessa forma buscar compreender as dificuldades da luta emancipatória para as mulheres em Angola. Por ser um artigo de cunho literário, a grande maioria das fontes analisadas

---

<sup>6</sup> STRØNEN, Iselin Åsedotter et al. Dificuldades Permanentes: Pobreza Feminina em Malanje Rural, Angola. **CMI Brief**, v. 4, 2017.

ao longo do projeto são fontes escritas, que de alguma forma, nos trazia respostas para as principais problemáticas do tema.

O presente artigo usou como fonte principal de pesquisa a obra de Deolinda Rodrigues, *Diário de um exílio sem regresso* (2003). Além das obras principais da autora, artigos relacionados a pesquisa fizeram parte do desenvolvimento da obra, como a entrevista de Roberto Francisco de Almeida – irmão de Deolinda Rodrigues – concedida ao pesquisador Mateus Pimpão, no ano de 2020.

Deolinda Rodrigues é um marco da história de luta angolana, e por esse motivo possui um rico acervo literário e historiográfico de fontes, que foram ao longo do artigo selecionadas e reduzidas, para se adequar ao tempo e a finalidade do trabalho em questão.

A análise dos textos de Deolinda Rodrigues foi feita com base no período histórico em que ela escreve, e nos acontecimentos do período. Levando sempre em consideração o colonialismo de Salazar, vivenciado pela comunidade angolana no século XX, e a influência da PIDE – Polícia Internacional e de Defesa do Estado – nos movimentos emancipatórios em Angola.

A escolha por trabalhar com Deolinda Rodrigues surgiu ainda na disciplina de Historiografia e História da África, quando o filme sobre sua vida e trajetória foi elencado como material de estudo. Sua participação nas lutas de Angola me inspirara a escrever um trabalho sobre a presença feminina nas lutas pela independência em África, e o país escolhido foi Angola, lugar de origem de Deolinda. A minha pesquisa busca atingir outras pessoas, que assim como eu, também se interessam por estudos de gêneros, compreendo de diversos ângulos a participação feminina nos grandes eventos históricos mundiais.

As fontes utilizadas durante a execução do trabalho, estavam contidas na obra *Diário de um exílio sem regresso* (2003), isso inclui até mesmo os poemas, inseridos numa parte final da obra editada por Roberto de Almeida. Utilizando a obra que possuía, busquei nas fontes respostas para as perguntas que nortearam meu trabalho: Havia mulheres nas lutas armadas? Elas sofreram preconceitos? Quais suas realizações efetivas nas lutas emancipatórias de Angola? Perguntas que me ajudaram a encontrar um objetivo claro para meu artigo.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na obra de Deolinda Rodrigues, intitulado “Diário de um exílio sem regresso”, a escritora traz relatos diários da sua vivência no movimento pela libertação de Angola, e escreve sobre as dificuldades e barreiras que enfrentou até o momento da sua captura <sup>7</sup>. Sequestrada por um grupo político inimigo ao seu, o FNLA – Frente Nacional de Libertação de Angola, Deolinda viveu seus últimos momentos em cativeiro, onde lutou junto a outros militantes, pela vida e pela libertação de Angola.

Sua obra, apesar de grande relevância literária para Angola, não foi produzida com o intuito de ser publicada; seu diário era um artefato pessoal, encontrado posteriormente por seu irmão, Roberto de Almeida. Ele cuidou, preservou, datilografou e publicou seu livro, como o próprio descreve ao ser questionado pelo pesquisador Mateus Pimpão <sup>8</sup>:

Tratei de bater numa máquina datilográfica, daquelas antigas máquinas de escrever; exatamente porque se eu desse a alguém, talvez não soubesse seguir a ordem devida que devia dar. Havia algumas folhas que já estavam soltas etc., e era preciso ver onde encaixar aquela, onde meter esta etc. etc. Então fiz eu próprio, e... creio que com pouca margem de erro. Normalmente a coisa saiu bem. (PIMPÃO, 2020, P. 155).

Roberto Rodrigues é um personagem de grande importância para a compreensão dos textos de Deolinda Rodrigues, visto que ele próprio cuidou de todas as publicações post-mortem da autora. O que nos leva a analisar sua entrevista concedida a Pimpão no ano de 2020, onde ao ser questionado sobre a importância do engajamento de Deolinda e outras mulheres angolanas na luta por libertação, o autor responde:

Muita mulher se engajou nessa luta em várias frentes. (...) E, depois, tem as mulheres que se empenharam e pegaram mesmo em armas e lutaram na frente de combate; algumas também tombaram. Para além desse grupo da Deolinda que ficou integrado no esquadrão Camy, houve outras mulheres,

---

<sup>7</sup> Até os dias de hoje ainda não se sabe ao certo como ocorreu a captura de Deolinda Rodrigues e suas companheiras, Engrácia dos Santos, Irene Cohen, Lucrecia Paim e Tereza Afonso. A data e as condições da morte também continuam causando dúvidas.

<sup>8</sup> ANTÓNIO, Mateus Pedro Pimpão. “A vida de Deolinda é a dedicação a um ideal”: entrevista com Roberto de Almeida. *Abril-NEPA/UFF*, v. 12, n. 25, p. 151-162, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaabril/article/view/46539/27311>, acesso 6/11/21 às 00:31.

outras senhoras que deram o melhor de si, e algumas como enfermeiras, outras como alfabetizadoras, muitas delas foram professoras; e algumas, como Deolinda, foram locutoras na rádio (...). (PIMPÃO, 2020, P. 159-160).

Os dizeres de Roberto Rodrigues nos traz uma reflexão sobre a presença feminina na luta pela libertação angolana, e nos mostra que além da luta armada, as mulheres participavam de outros modos desse movimento, como a própria Deolinda retrata em seu diário: “O Mimo trouxe um memorandum para traduzir e dactilografar. Então é sinal que fui aceite no movimento.” (RODRIGUES, 2003, P. 25). Antes de ingressar no Esquadrão Kammy e se tornar uma combatente no conflito armado, Deolinda Rodrigues participou ativamente do movimento como outras mulheres, empregando habilidades no movimento que iam além das batalhas campais. Mas será que não existia preconceito dentro dos movimentos emancipatórios? As relações de gênero eram igualitárias?

É preciso compreender que o MPLA surgiu durante o período de colonização na Angola, momento em que as diferenças de gênero estavam mais evidentes, dessa forma, as mulheres que transgrediram a norma de gênero, e optaram por fazer parte dos movimentos de libertação, como Deolinda, encontraram em sua trajetória machismo, racismo e sexismo, o que fica evidente no seu poema Inquirindo: “Carrasca de upistas/ na espia dos tugas/ prostituta mulher metida em política”. (RODRIGUES, 2003, P. 243). No trecho do poema citado acima, é possível perceber qual a visão no período sobre as mulheres que participavam dos grupos libertários em Angola, e o lugar que elas passavam a assumir na sociedade, que tinha desde do início do período colonial os papéis de gênero bem definidos.

Essas predefinições de gênero limitaram o trabalho de Deolinda dentro do movimento? Quais saídas ela buscou para fugir das normas estabelecidas pelos colonizadores e os camaradas de guerra?

De acordo com Roberto de Almeida, Deolinda Rodrigues sempre acreditou que seu lugar nas lutas emancipatórias era no campo de batalha, e por isso buscava sempre a ação:

(...) é mesmo isso que a levou a ir a integrar o esquadrão Camy para tentar chegar à primeira região político-militar nos Dembos. Porque no Movimento deram-lhe tarefas mais de administração: secretarias, escrever cartas,

traduzir cartas etc. Mas esses trabalhos não lhe agradavam, ela queria ação.  
(PIMPÃO, 2020, P. 158-159)

E para realizar seu desejo, em outubro de 1966, Deolinda Rodrigues viaja com o esquadrão Kammy para iniciar sua participação na luta armada pela emancipação de Angola, seus planos são interrompidos, e durante o trajeto a mesma é sequestrada e presa, e posteriormente assassinada. Deolinda Rodrigues não presenciou a independência de Angola, mas seus escritos perpassaram gerações, e são importantes na atualidade para a compreensão das dificuldades encontradas por mulheres que desafiavam o patriarcado europeu.

Deolinda não desafiava o colonialismo apenas nos movimentos libertários, as imposições sociais difundidas pelos portugueses em suas terras eram motivos de contestações também:

“Será que esta vida da Revolução vai obriga-me a procurar marido qualquer dia? É necessário isso? Não. O que eu preciso é de firmeza, diminuir o falatório e cortar a paciência e confiança aos camaradas. Compreendo a camaradagem sim, mas em certos limites” ( apud BATSÍKAMA, 2020, p. 24).

A escritora em diversos momentos foge a norma estabelecida dentro do seu território de origem, e por isso acaba sendo vista pelos colonizadores como uma ameaça a tradição estabelecida por eles durante os anos de colonização naquele território: “O colonizador queria prender a Deolinda e evitar que ela andasse por aqui a semear revoltas entre os outros jovens. O colonizador tinha todo o interesse em silenciar a Deolinda.” (PIMPÃO, 2020, P. 158). A tentativa de silenciamento da poetisa, ocorreu durante toda sua história de luta, isso nos explica as constantes fugas de Deolinda pelo mundo, e nos mostra também que a perseguição as mulheres guerrilheiras eram intensas.

Apesar das dificuldades e das lutas, Deolinda Rodrigues encontrava tempo para suas escrituras, com poemas combativos, a ativista nos trazia grandes reflexões sobre a situação do continente africano durante o período do imperialismo europeu, como pode-se observar no poema Mamã:

África  
Mamã África  
Geraste-me no teu ventre  
nasci sob o tufão colonial  
cheguei teu leite de cor

cresci  
atrofiada mas cresci  
juventude rápida  
como a estrela que corre  
quando morre o nganga.  
Hoje sou mulher  
não sei já se mulher se velhinha  
mas é a ti que venho  
África  
Mamã África. (RODRIGUES, 2003, P. 241)

No trecho acima do poema, é possível perceber que Rodrigues cita o período colonial vivenciado por ela desde do seu nascimento, e trata o continente africano como uma mãe, uma mulher, que assim como ela vivenciou muitas coisas. Além disso, cita ainda que nasceu “atrofiada”, pois o imperialismo europeu não permitiu a ela o desenvolvimento completo.

Tu que me geraste  
não me mates  
não praguejes um rebento teu,  
senão  
não tens futuro.  
Não sejas matricida  
Sou Angola, a tua Angola. (RODRIGUES, 2003, P. 241)

Pedindo que a mãe “não a praguejes”, para que ela possa dessa forma ter um ótimo futuro, Deolinda fala sobre as consequências para ela, se o colonialismo persistir. A poetisa clama a África que ela não seja “matricida” - alguém que mata a própria mãe – e afirma ainda que ela própria é a Angola.

Não te juntes ao opressor  
ao amigo do opressor  
nem a teu filho bastardo.  
Eles caçoam de ti.  
Caíste na ratoeira  
enganada  
não distingues o verdadeiro do falso  
no teu candidato e secular vigor  
cegaste,  
e agora és tu África  
mamã África  
que dás força ao irmão bastardo  
para asfixiar-me  
azagaiar-me pelas costas.  
O opressor, o amigo do opressor  
o teu filho bastardo  
(também tu, mamã África?)  
divertir-se-ão  
ao ouvir-me espirar. (RODRIGUES, 2003, P. 241-242)

O poema Mamã, clama a África que ela não se junte ao opressor, e não faça parte do sistema que é responsável por asfixiar e por maltratar a autora.

Mamã, um dos poemas mais conhecidos de Deolinda Rodrigues, apresenta aos demais a sentimentalidade que a mesma possuía sobre a África, se sentindo como uma filha, Deolinda Rodrigues buscava do continente conforto, zelo e afeto, e recebia ordens, opressão e brutalidade por parte dos colonizadores, que se apossaram, de sua “mãe”. Larissa da Silva Lisboa Souza, em sua dissertação, analisa o poema “mamã” profundamente, e mostra que Deolinda Rodrigues buscava com essa escrita denunciar a colonização em África. A África, que foi responsável por grandes conquistas durante seus milênios de história, vivia agora em muitos de seus países – inclusive a Angola – uma situação de subserviência.

Subserviência a um outro continente – o Europeu – que acreditava ter recebido de Deus, o direito para cometer diversas atrocidades em nome da “civilização”. Civilização essa que nunca alcançou aos mais pobres, diferente das opressões, que acompanharam os povos africanos em todas as partes, levando dor, sofrimento e angústia para diversas famílias. Angola, assim como os demais países assolados pelo imperialismo europeu, não ficaram de braços cruzados assistindo ao domínio de suas terras, onde houve colonização, houve resistência.

A personagem Mãe-África, não é uma característica exclusiva dos textos de Deolinda Rodrigues, segundo o autor Donizeth Aparecido dos Santos, no artigo intitulado *Representações da Mãe-África na literatura angolana*:

A exaltação e a invocação da Mãe -África foi um canto comum cantado em coro pelos poetas angolanos a partir do Movimento Vamos Descobrir Angola, surgido em 1948 em Luanda. Essa Mãe era, ao mesmo tempo, mulher e terra, configurada nos mesmos padrões das Grandes Mães neolíticas, deusas da fertilidade e da fecundidade, e representava, no contexto angolano (e africano), a mãe biológica, a nação angolana e o continente africano, numa perspectiva pan-africanista que concebia a África como a progenitora da raça negra e também a terra prometida de um povo e diáspora. (SANTOS, 2007, P. 27)

A Mãe-África, existente no poema de Deolinda Rodrigues, representa entre várias coisas, o colonialismo europeu, existente no continente africano. Colonialismo esse, que modificou a cultura angolana, e a relação que seus “filhos”, possuíam com sua mãe.

Desse modo, os escritores angolanos, no momento em que tomavam conhecimento da violência colonial e de seus desraizamentos culturais, lançavam mão ao símbolo da Mãe-África como um meio de recuperação de suas identidades africanas. Na visão de Trigo (1977, p.32), Angola estava

perdida com seus filhos perdidos nela, e assim, estes procuravam a Mãe, e Angola clamava por eles. (SANTOS, 2007, P. 28)

A Mãe-África, era usada pelos poetas africanos como uma forma de retomada das suas culturas e ideais, frente ao colonialismo português, que naquele momento impunha para a população negra seus conceitos e desejos “civilizatórios”. No período pré-independência, os escritores viram na personagem Mãe-África uma forma de reafirmar suas origens e suas formações, indo contra as ideias imperialistas perpassadas pelos colonizadores.

Deolinda Rodrigues, fez uso desse símbolo para expressar de forma poética o sofrimento que o colonialismo português lhe causou. Afetando principalmente seu continente de origem, “aquele que lhe deu à luz”, a Mãe-África. Com essa analogia, a poeta angolana conseguiu levar para seus escritos uma sentimentalidade de combate, apresentando dessa forma os danos que o colonialismo levou para a África.

Deolinda Rodrigues é um símbolo da resistência para os angolanos, que encontraram nessa figura feminina, uma pessoa que lutava pelos seus ideais, seus princípios e anseios, e buscava não só a libertação dela própria, mas de uma nação. Autora, militante e mulher, Deolinda representa para a Angola a construção da independência nacional, e também da presença feminina em âmbitos tipicamente masculinos. Como escritora, Langidila construiu um cenário de grande impacto no período, e mostrou que também se faz revolução com uma caneta em mãos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A história e a literatura angolana andam lado a lado no desenvolvimento da independência da nação, e isso pode ser observado pelos personagens históricos que compõem o país. Deolinda Rodrigues, além de ser conhecida pelo seu desempenho nas lutas emancipatórias de Angola, é também lembrada pelos textos e poesias, que expõem de forma artística as opressões e violências praticadas pelos portugueses em seu país.

O artigo em questão, buscou trabalhar de forma interdisciplinar a literatura dos países africanos de língua portuguesa, compreendendo o contexto histórico em que os textos foram escritos, as discussões de gênero presentes nas obras de Deolinda Rodrigues, e a relação das demais nações europeias e americanas com o país angolano.

A obra analisada ao longo do trabalho, *Diário de um exílio sem regresso*, foi o foco principal do artigo, que conseguiu trabalhar grandes questões como emancipação nacional, gênero e guerra. Concluindo dessa forma, que o gênero literário diário, é e pode ser de grande importância para a compreensão histórica de diversas nações e temporalidades.

Os debates sobre gênero não eram comuns no período em que Deolinda Rodrigues escreve, mas nem por isso a autora deixa de ter relevância nos textos que tratam sobre o assunto na contemporaneidade. A sua participação e de suas companheiras nas lutas armadas e nos debates pela libertação de Angola nos fizeram refletir sobre a importância da participação feminina nesses espaços, e desconstruíram uma ideia errônea, de que as mulheres não fizeram parte das guerras do século XX.

Além dos debates de gênero, proposto pelo artigo, existem também os debates históricos, que tomaram conta da produção textual. Principalmente os que se refere a importância de Deolinda Rodrigues para a história angolana, e sua construção como heroína nacional para seu país de origem. O artigo conseguiu apresentar as diferenças de pensamento da população angolana, e os debates em torno da permanência ou não de Deolinda Rodrigues nos destaques históricos nacionais. Provando dessa forma, que diferente do que muito se imaginava, a importância literária e histórica de Deolinda não é um consenso entre os angolanos.

Portanto, pode ser concluir com o artigo que a poesia de combate, foi usada pelos autores para exporem seus anseios e dores. A poesia, e o diário de Deolinda Rodrigues fazem parte de um contexto angolano, onde a dominação europeia era uma realidade, e mesmo em um ambiente tão opressor, a escrita de Rodrigues não foi silenciada. Textos fortes, escrita assertiva e críticas intensas, fez de Deolinda Rodrigues o cânone literário de Angola que ela é atualmente.

## REFERÊNCIAS

ANTÓNIO, Mateus Pedro Pimpão. “A vida de Deolinda é a dedicação a um ideal”: entrevista com Roberto de Almeida. **Abri!-NEPA/UFF**, v. 12, n. 25, p. 151-162, 2020.

\_. Memórias de guerra:(res) sentimentos e revolta na escrita de Langidila. *Revista de Ciências Sociais — Fortaleza*, v. 52, n. 1, mar./jun., 2021, p. 83–107.

BARROS, Liliâne Batista. As cartas da Langidila: memórias de guerra e escrita da história. **Tabuleiro de Letras**, n. 6, p. 119-140, 2013.

BATSÍKAMA, Patrício. PODER NO FEMININO. CASO DA DEOLINDA RODRIGUES “LANGIDILA”. **África [s]-Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos e Representações da África**, v. 7, n. 13, 2020.

DIAS, Helenice Moreira. *Vozes e escritas femininas em Angola*. São Paulo, 2016.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborda. Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa. **Cadernos CESPUC de Pesquisa**, v. 16, p. 13-69, 2007.

MACEDO, Tania. Da voz quase silenciada a consciência da subalternidade: a literatura de autoria feminina em países africanos de língua oficial portuguesa. **Revista Mulemba**, v. 2, n. 2, 2010.

MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante (Ed.). **A mulher em África: vozes de uma margem sempre presente**. Edições Colibri, 2007.

PADILHA, Laura Cavalcante. Sobre mulheres, cânones, silêncios e enfrentamentos. **Revista Diadorim**, v. 11, 2012.

PAREDES, Margarida. Deolinda Rodrigues, da família Metodista à família MPLA, o papel da cultura na política. **Cadernos de Estudos Africanos**, n. 20, p. 11-26, 2010.

RODRIGUES, Deolinda. **Diário de um exílio sem regresso**. Luanda: Nzila, 2003.

SOUZA, Larissa da Silva Lisboa. **Corpos ultrajados e suas representações em crônicas de Ana Paula Tavares**. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de São Carlos, 2016.

\_. Militância, escrita e vida: a poesia de Deolinda Rodrigues. **cadernos pagu**, 2017.

STRØNEN, Iselin Åsedotter. "Dificuldades Permanentes: Pobreza Feminina em Malanje Rural, Angola." *CMI Brief* 4 (2017).

VENTURA, Pedro Paulo Ramos. A contribuição intelectual da mulher angolana no processo da independência da Angola. **identidade!**, v. 19, n. 2, p. 100-109, 2015.